

# A COMPETITIVIDADE DO TRIGO BRASILEIRO DIANTE DA CONCORRÊNCIA ARGENTINA. O COMÉRCIO INTERNACIONAL E A COMPETITIVIDADE PELO CUSTO DE PRODUÇÃO

ARGEMIRO LUÍS BRUM / CRISTIANO DA LUZ LEMES /  
CLEBER VINÍCIOS K. DA SILVA / PATRÍCIA KETTENHUBER MULLER  
Departamento de Economia e Contabilidade (DECon)  
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI)

*Recebido:* 2 de dezembro de 2004

*Aceitado:* 28 de fevereiro de 2005

---

**Resumo:** Este trabalho de pesquisa visa analisar a economia do trigo no Brasil, particularmente no Rio Grande do Sul e Paraná, e na Argentina, buscando determinar a competitividade do trigo brasileiro diante da concorrência argentina a partir do surgimento do Mercosul. Pode-se destacar a grande importância da Argentina como fornecedora do cereal ao Brasil, fato que causa uma relação de dependência entre os dois países. O texto analisa e expõe fatores relacionados ao comércio internacional, sistemas e custos de produção, evolução dos preços internos e externos.

**Palavras chave:** Trigo / Comércio / Custos / Competitividade.

## THE COMPETITIVENESS OF THE BRAZILIAN WHEAT BEFORE THE COMPETITION ARGENTINA

**Abstract:** This work of research aims at to analyze the economy of the wheat in Brazil, particularly in the Rio Grande del Sul and Paraná and Argentina, searching to ahead determine the competitiveness of the Brazilian wheat of the Argentine competition from the sprouting of the Mercosul. It can be detached the great importance of Argentina as supplying of the cereal to Brazil, fact that cause a relation of dependence between the two countries. The text analyzes and displays factors related to deals it international, systems and costs of production, evolution of the internal and external prices.

**Keywords:** Wheat / Commerce / Costs / Competitiveness.

---

## 1. APRESENTAÇÃO

Após a primeira parte do estudo sobre a competitividade do trigo brasileiro, a qual destacou a evolução histórica da economia deste cereal no mundo, com especial atenção para o Brasil e a Argentina, assim como a situação da área plantada, volumes produzidos, rendimentos e preços praticados no mercado internacional e nacional, o presente trabalho enfatiza o comércio internacional do cereal e os custos de produção no Brasil e na Argentina.

Esta é a segunda de três partes que compõem nosso estudo. No final, o objetivo é produzirmos uma obra que reproduza os resultados do conjunto desta pesquisa que tem por tema *A competitividade do trigo brasileiro diante da concorrência argentina*.

O presente trabalho conta com o apoio, além da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), através de seu Departamento de Economia e Contabilidade (DECon) e do seu Mestrado em Desenvolvimento, igualmente da FAPERGS e do CNPq por intermédio de bolsas de iniciação científica aos alunos do curso de Economia do DECon, citados no mesmo.

## 2. INTRODUÇÃO

Este trabalho corresponde a segunda parte da pesquisa que o autor desenvolve sob o tema *A competitividade do trigo brasileiro diante da concorrência argentina*. O mesmo dá ênfase aos aspectos relacionados ao custo de produção, às relações de mercado e aos preços praticados no mundo, na Argentina e no Brasil. Nesse último caso, a partir da realidade dos dois principais Estados produtores: Rio Grande do Sul e Paraná.

O trabalho está dividido em quatro capítulos, além das considerações finais. No terceiro ponto, a análise se detém sobre o comércio internacional do trigo, com destaque para a participação da Argentina, como país exportador, e do Brasil como país importador.

O quarto ponto trata dos custos de produção, especialmente na Argentina e no Brasil. Através deste estudo se busca identificar as principais razões da preferência brasileira pelo trigo argentino.

No quinto ponto, a análise recai sobre as importações de trigo por parte do Brasil e o papel da Argentina como fornecedor do mesmo. Objetiva-se verificar a participação da Argentina no fornecimento do cereal ao Brasil e a importância de nossas importações nas vendas do vizinho país.

Enfim, o trabalho destaca o comportamento dos preços tanto no mercado mundial, através da evolução das cotações na Bolsa de Chicago, quanto no mercado *free on board (FOB)* argentino e no mercado interno brasileiro, a partir de preços pagos aos produtores rurais do Paraná e do Rio Grande do Sul.

## 3. O COMÉRCIO INTERNACIONAL DE TRIGO

A produção mundial de trigo, no ano 2003/04, chegou a 550,5 milhões de toneladas, conforme o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA). Somando-se os estoques iniciais, resultantes do ano anterior, a oferta total do produto, neste ano, foi de 717,6 milhões de toneladas. Deste total, foram comercializadas no mercado externo cerca de 106 milhões de toneladas. Desta forma, o comércio internacional de trigo, em sua totalidade, representou 19,2% da produção mundial e 14,8% da oferta mundial. Em outras palavras, estamos diante de um produto que tem uma forte característica de consumo interno junto aos principais países produtores.

Deste total, a Argentina participou com exportações de 7,5 milhões de toneladas, a Austrália com 17,5 milhões de toneladas, a União Européia (com 12 países) com 9,8 milhões de toneladas e os EUA com 31,4 milhões de toneladas. Dentre os maiores importadores, encontramos o Egito, com volumes que variam entre 5,5 e 6,0 milhões de toneladas anuais, e o Brasil com volumes entre 5,0 e 5,5 milhões de toneladas. A União Européia igualmente importa, tendo chegado a 6,0 milhões de toneladas em 2003/04.

Desta forma, percebe-se que a Argentina tem uma pequena participação no comércio mundial exportador de trigo, atingindo a 7,1% do total mundial. No entanto, tais vendas externas representam 55% da produção total do país. Ou seja, a Argentina exporta mais da metade do que produz anualmente. Tal realidade é apenas superada pela Austrália, que comercializou o equivalente a 70,3% do total produzido em 2003/04. Já os EUA venderam ao exterior, neste mesmo ano, o equivalente a 49,4% de sua produção. Os demais países pouco representam no mercado internacional do trigo, pelo lado da oferta.

Neste contexto, o Brasil, como forte país importador de trigo, vem dando preferência ao produto argentino. Isto se acentuou a partir do lançamento do Mercosul (1991) e particularmente a partir da consolidação do Mercosul, como zona de livre-comércio (1995). Na verdade, apenas os EUA e o Canadá rivalizam com a Argentina na oferta de trigo para o Brasil, e isto especialmente entre meados dos anos de 1960 e o início dos anos de 1990. Assim, em 1965, o Brasil importou 1,9 milhão de toneladas de trigo, a um preço médio de apenas US\$ 59,64/tonelada FOB. Deste total, a Argentina participou com 68% do total, sendo o restante dividido em 27% dos EUA e 5% do Uruguai. Já em 1975, as importações brasileiras totais, em trigo, haviam crescido para 3,07 milhões de toneladas, sendo que a participação argentina chegava a apenas 7,8%. O maior volume era comprado dos EUA (64,5%) e do Canadá (26%). O preço médio pago pelo Brasil, no conjunto, foi de US\$ 155,35/tonelada FOB, ou seja, quase o triplo do preço pago 10 anos antes.

Em 1980, o Brasil importou 4,6 milhões de toneladas, sendo 60,8% dos EUA e 39,2% do Canadá. Naquele ano, nada foi importado da Argentina. A participação do vizinho país, em nossas compras externas de trigo, foi melhorar apenas a partir de 1987. Nesta época, além do Brasil ter chegado a uma quase auto-suficiência, caiu drasticamente as vendas dos EUA para o Brasil. Desta forma, das 2,5 milhões de toneladas importadas, a um preço médio de US\$ 93,98/tonelada FOB, 43,5% vieram da Argentina, 30,5% do Canadá e apenas 4% dos EUA. Os restantes 22% foram oriundos de diversos outros mercados. Em 1988, o Brasil importou o seu menor volume de trigo desde 1965, registrando apenas 952.580 toneladas, em sua totalidade procedente da Argentina. A partir de então, o vizinho país passou a ser o nosso fornecedor privilegiado, com os volumes em constante crescimento. O Canadá passa a perder força nesta corrida, especialmente a partir de 1995, exatamente no ano em que a zona de livre-comércio no Mercosul é posta em prática. A tal pon-

to que em 2000 o Brasil alcança o seu maior volume de importações, nestes 39 anos aqui analisados (1965-2003), chegando a 7,5 milhões de toneladas, sendo que 95,8% foram procedentes da Argentina.

Neste meio-tempo, além do Uruguai, igualmente o Paraguai surge como fornecedor de trigo ao Brasil, porém, em escala diminuta. Efetivamente, o Brasil passa a comprar trigo do Paraguai a partir de 1994, com os volumes variando, desde então, entre 50.000 a 250.000 toneladas anuais (apenas em 1999 as compras brasileiras deste vizinho ficaram muito abaixo deste patamar, registrando 865 toneladas).

A questão é verificar se a opção pela Argentina, nestes últimos anos, se deve ao acordo do Mercosul e, na lógica das vantagens comparativas e da especialização, se o produto argentino é mais competitivo do que o brasileiro e os originários de outros países.

#### **4. OS SISTEMAS E OS CUSTOS DE PRODUÇÃO: RAZÃO PELA OPÇÃO ARGENTINA?**

Os sistemas de produção aplicados tanto na Argentina como no Brasil são de duas naturezas: plantio convencional e plantio direto. Este último ganhando espaço significativo a partir do início da década de 1990. Sabe-se que o plantio direto representa uma redução de custos da ordem de 20% em relação ao convencional, conforme a realidade do Noroeste gaúcho<sup>1</sup>. No entanto, o mesmo não se verifica na Argentina, onde o plantio convencional apresenta um custo da ordem de 15% a 17% menor do que o direto, em função do menor uso de herbicidas e fertilizantes químicos.

No entanto, de forma geral, o custo de produção argentino é mais baixo do que o registrado nos dois principais Estados produtores do Brasil. Assim, enquanto os custos médios na Argentina variaram entre US\$ 6,00 e US\$ 8,00/saco<sup>2</sup>, no período de 1994 a 2003, o referido custo no Rio Grande do Sul variou entre US\$ 5,87 e US\$ 13,38/saco. Já no Paraná, o custo ficou entre US\$ 9,19 e US\$ 22,20/saco.

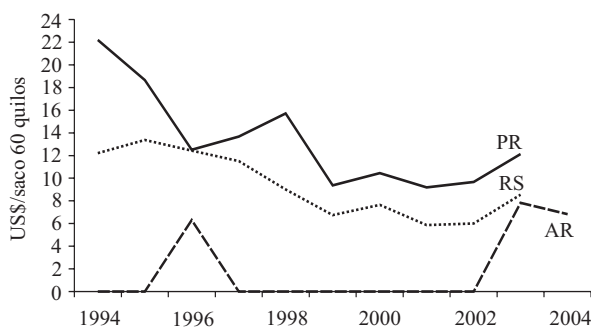
Em outras palavras, verificamos que, em termos médios, o custo do trigo no Rio Grande do Sul chega a US\$ 9,34/saco nos 10 anos aqui considerados, contra US\$ 13,36/saco no Paraná e apenas cerca de US\$ 7,00/saco na Argentina. A diferença de custos entre o Paraná e o Rio Grande do Sul se dá especialmente pela maior prática do plantio direto no Estado gaúcho assim como a menor utilização de insumos, fato que compromete seguidamente a produtividade das lavouras.

---

<sup>1</sup> Cf. estudos de campo realizados pelo Departamento Técnico da Cotrijuí.

<sup>2</sup> Importante se faz destacar que não nos foi possível obter as informações sobre o custo de produção na Argentina, dentro da série completa dos 10 anos compreendidos entre 1994 e 2003. Apenas em três anos se obteve registros, a saber: US\$ 6,31/saco em 1996; US\$ 7,82/saco em 2003; e US\$ 6,82/saco em 2004, ano que desconsideramos em nosso trabalho. Neste sentido, as informações foram complementadas com entrevistas realizadas junto a organismos técnicos brasileiros e argentinos.

**Gráfico 1.-** Custo total de produção do Paraná, Rio Grande do Sul e Argentina



FONTES: Secretaria do Estado da Agricultura e do Abastecimento (SEAB), Departamento de Economia Rural (DERAL), Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (SAGPyA), 2004.

Dados completos, obtidos para o ano de 1996, nos mostram que o custo total no Brasil era de US\$ 409,21/hectare, contra US\$ 345,98 na Argentina e US\$ 411,77/hectare nos EUA. A margem bruta era de respectivamente US\$ 16,79; US\$ 198,49 e US\$ 45,06/hectare. Nestas condições, a competitividade do trigo argentino é muito superior, fato que explica o interesse do Mercosul, e particularmente da Argentina, na liberalização dos mercados agrícolas quando da constituição dos acordos da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) e da União Européia-Mercosul. De tal forma, que o preço de equilíbrio, para a Argentina, chega a US\$ 105,24/tonelada enquanto no Brasil o mesmo era de US\$ 170,50 e nos EUA de US\$ 235,30/tonelada. Vale destacar ainda que o custo total na Argentina, em 2003, havia recuado para US\$ 265,02/tonelada contra US\$ 358,56/tonelada no Rio Grande do Sul. Ou seja, os custos no Estado gaúcho superavam os da Argentina em US\$ 93,54/hectare ou 35,3%.

**Quadro 1.-** Comparativo entre Brasil, Argentina e Estados Unidos

PAISES		BRASIL	ARGENTINA	ESTADOS UNIDOS
1996	Custo total (US\$/hectárea)	409,21	345,98	411,77
	Marxe bruta (US\$/hectárea)	16,79	198,49	45,06
	Prezo equilibrio (US\$/tonelada)	170,50	105,24	235,30
2003	Custo total (US\$/tonelada)	358,56*	265,02	ND

ND: Não disponível. \*Valor referente ao RS.

FONTES: Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária (INTA), Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), 2004.

Especificamente no que tange ao uso de fertilizantes, dados da segunda metade dos anos de 1990 indicam que o custo médio no Brasil chegava a US\$ 107,07/hectare, enquanto nos EUA o mesmo era de US\$ 38,39/hectare. Já na Ar-

gentina, o uso deste insumo é praticamente nulo, existindo gastos com adubação de cobertura em algumas regiões, com um custo de US\$ 24,30/hectare.

Nestas condições, a Argentina suporta mais facilmente o recuo dos preços internacionais, podendo vender seu trigo bem mais barato, levando o Brasil, dentro dos acordos do Mercosul, a privilegiar o cereal do vizinho país em detrimento de investimentos na produção local. Isto não significa que a produção brasileira desapareça. No entanto, significa que em condições normais de oferta e demanda mundial, e particularmente no interior do Mercosul, o produto argentino estará sempre em melhor posição do que o produto nacional, fato que impede o Brasil de alcançar a auto-suficiência. Entre 2000 e 2003 o país conseguiu, no máximo, produzir 50% de suas necessidades e, assim mesmo, seguidamente com produto de baixa qualidade, muitas vezes próprio apenas para ração animal.

Desta forma, torna-se evidente que a busca pelo trigo argentino se viabiliza pelo seu preço competitivo, fato que passou a ser realçado a partir da conclusão dos acordos que definiram o Mercosul. Esta realidade se comprova com a observação do fluxo comercial do Brasil com seus diferentes parceiros comerciais junto ao comércio do trigo.

## **5. AS IMPORTAÇÕES DE TRIGO BRASILEIRAS E O PAPEL DA ARGENTINA COMO FORNECEDOR**

Em 1965, o Brasil importou 1,9 milhão de toneladas de trigo. Deste total, 1,29 milhão vieram da Argentina, o que representa cerca de 68% do total. Por sua vez, as vendas argentinas ao exterior, naquele ano, somaram 6,66 milhões de toneladas. Ou seja, o mercado brasileiro representava 19,4% do total das vendas de trigo por parte do vizinho país. Dez anos depois, mais precisamente em 1975, esta relação havia se alterado substancialmente. Naquele ano, o Brasil importou 3,07 milhões de toneladas, porém, apenas 240.000 toneladas foram procedentes da Argentina. Paralelamente, o vizinho país exportou bem menos volume em trigo, chegando a apenas 1,76 milhão de toneladas, após problemas em sua produção.

Assim, grande parte do trigo importado pelo Brasil, em 1975, teve origem nos EUA (1,98 milhão de toneladas), seguido do Canadá (800.000 toneladas). O complemento das compras externas veio do Uruguai (50.000 toneladas).

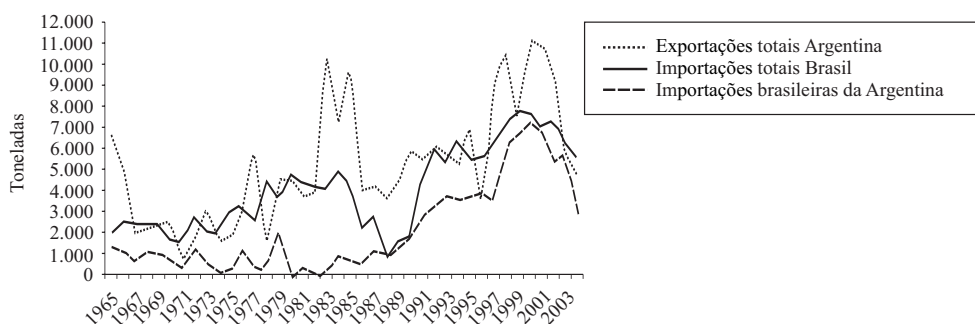
Em 1985, as compras brasileiras de trigo somaram 4,04 milhões de toneladas, sendo que a Argentina contribuiu com apenas 685.000 toneladas ou 17% do total. Contrariamente há 10 anos antes, em 1975 as exportações argentinas de trigo somaram 9,58 milhões de toneladas. Novamente, EUA e Canadá complementaram as compras brasileiras, com respectivamente 1,68 milhão e 1,0 milhão de toneladas. Efetivamente, entre 1975 e 1985, as compras externas de trigo, por parte do Brasil, cresceram, porém, a participação da Argentina nas mesmas foi bastante reduzida.

Este quadro irá se alterar a partir de 1986, na medida em que o Brasil quase alcança a sua auto-suficiência. Assim, entre 1986 e 1990, as compras externas brasi-

leiras variaram entre 953.000 e 2,7 milhões de toneladas, conforme o ano. Neste período, a Argentina chegou a participar com até 100% do abastecimento brasileiro. Tal realidade irá se acentuar a partir de 1990 quando o Brasil deixa de efetuar compras estatais, colocando a produção nacional diretamente na dependência do mercado. Em 1991, com a formação do Mercosul, a Argentina se consolida definitivamente como o principal fornecedor brasileiro de trigo.

Entre 1990 e 2000, as compras externas de trigo, por parte do Brasil, foram multiplicadas por cerca de quatro vezes, passando de 1,9 milhão de toneladas para 7,6 milhões de toneladas. Destes totais, a Argentina participou com 94% e 95%, respectivamente, da oferta destinada ao Brasil. Ao mesmo tempo, as compras do Brasil junto ao mercado argentino representaram respectivamente 31% e 67% do total exportado pelo vizinho país. Ou seja, ao mesmo tempo em que o Brasil passou a privilegiar o produto argentino, em função dos acordos do Mercosul e por encontrar uma oferta abundante, de qualidade e mais barata, as importações brasileiras passaram a ocupar um lugar de destaque nas vendas de trigo por parte da Argentina. Este quadro ficou mais evidente entre 1998 e 2001 (cf. gráfico a seguir).

**Gráfico 2.-** Exportações argentinas e importações brasileiras (1965-2004)



FONTES Safras & Mercado, Associação Brasileira da Indústria do Trigo (ABITRIGO), Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), FAO, SAGPyA, 2004.

A partir de 2000, com a melhoria paulatina dos preços externos (as cotações médias em Chicago passaram de US\$ 2,57/bushel em 2000 para US\$ 3,34/bushel em 2003, ou seja, um aumento de 30%, chegando a US\$ 3,58/bushel na média dos primeiros nove meses de 2004) e os efeitos da desvalorização cambial realizada pelo Brasil em 1999, quando passou a adotar um regime cambial flexível, as importações ficaram mais custosas. Esta nova realidade levou a um aumento na produção de trigo no interior do Brasil, fato que reduziu o volume importado. Este, que foi de 7,6 milhões de toneladas em 2000, recua para 6,2 milhões em 2003, com projeção de chegar a 5,5 milhões de toneladas em 2004. Ou seja, o recuo, em quatro anos, se consolida em cerca de 28%. Neste mesmo período, o volume importado da Argentina igualmente recua, porém, sua participação no total geral permanece sem

grandes alterações. Desta forma, as compras realizadas no vizinho país recuam, nos últimos quatro anos, de 7,2 milhões de toneladas para 4,8 milhões (projeção para 2004). Isto representa uma queda de 33% no período. Ou seja, as compras feitas na Argentina, que representavam 95% do total em 2000, recuam para 87% na projeção para 2004, após 89% em 2003. Assim, embora a Argentina permaneça como o grande fornecedor nacional de trigo, o Brasil reduziu um pouco mais suas compras oriundas deste país em relação ao restante do mercado mundial.

Paralelamente, as vendas para o Brasil, que representavam, na Argentina, 67% de suas exportações em 2000, caem para 57% em 2002. Diante da frustração na produção argentina de 2003, suas exportações totais recuam para 6,1 milhões de toneladas, sendo que 90% acabaram se destinando ao Brasil. Mas este quadro de recuperação parece ser esporádico pois, na projeção para este ano de 2004, a participação do Brasil nas exportações totais argentinas de trigo recuariam para 60%. Na prática, os EUA acabaram sendo os beneficiados. Suas vendas ao Brasil passam de 51.685 toneladas em 2000 para 677.180 toneladas em 2002 e 500.014 toneladas em 2003. Neste último ano, o Canadá exportou 170.318 toneladas de trigo ao nosso país, após 33.820 toneladas em 2001 e 163.077 toneladas em 2000. Ou seja, há uma certa correlação direta entre o aumento da produção de trigo no Brasil e a redução da participação relativa da Argentina nas vendas de trigo ao nosso país.

## **6. A EVOLUÇÃO DOS PREÇOS INTERNACIONAIS DO TRIGO E OS IMPACTOS NOS PREÇOS ARGENTINOS E BRASILEIROS**

Os preços médios do trigo na Bolsa de Chicago, entre 1985 e 2004 (primeiros nove meses), evoluíram entre um mínimo de US\$ 2,57/bushel<sup>3</sup>, registrado em 2000, e um máximo de US\$ 4,80/bushel, registrado em 1996.

Na verdade, nos 20 anos aqui analisados, o período de pior preço médio se deu entre julho de 1998 e setembro de 2001 quando o mercado ficou ao redor de US\$ 2,63/bushel. Este período deu seqüência a um longo espaço de tempo em que os preços estiveram muito bons. O mesmo iniciou em agosto de 1991 e durou até março de 1998. Nestes 80 meses, a média ficou em US\$ 3,72/bushel, com pico de até US\$ 6,13/bushel, registrado na média de maio de 1996. O mais interessante neste contexto é que a reação da produção brasileira se dará exatamente no momento em que os preços internacionais recuam, ou seja, a partir de 2000. Parte da explicação está no fato de que particularmente na Argentina, a partir de meados de 2002, seus preços internos sobem de forma relativamente importante.

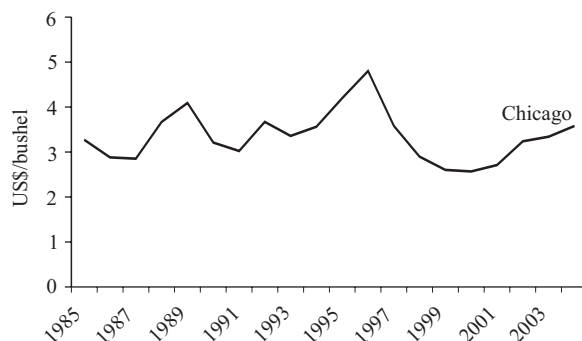
De fato, a realidade de preços internacionais provocou um movimento de redução nos preços FOB da Argentina num primeiro momento. Os mesmos, que haviam

---

<sup>3</sup> Um bushel de trigo equivale a 27,21 quilos.

chegado a US\$ 10,67/saco de 60 quilos na média de 1995 e US\$ 13,11/saco em 1996, recuam fortemente nos anos seguintes. A tal ponto que em 1999 a Argentina exportou seu trigo a um preço médio de US\$ 6,87/saco. Ou seja, em três anos o produto argentino perdeu 47,6% de seu valor, puxado pelo comportamento negativo de Chicago e pelas boas safras locais. Efetivamente, o trigo na Argentina tem seu preço balizado por Chicago, na mesma lógica que encontramos o comportamento da soja no Brasil, por exemplo. Importante se faz lembrar que até esta data a Argentina não havia desvalorizado sua moeda, fato que irá ocorrer no final de 2001.

**Gráfico 3.-** Cotações do trigo na Bolsa de Chicago (em US\$/bushel)



FONTE: Central Internacional de Análises Econômicas e de Mercado Agropecuário (CEEMA) com dados da Chicago Board of Trade (CBOT), 2004.

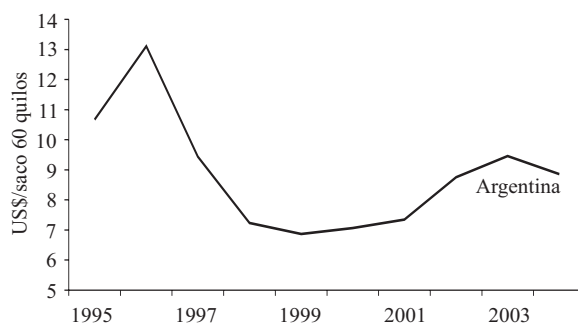
A partir de junho de 2002 os preços internos no vizinho país confirmam seu movimento de alta, o qual irá durar dois anos, ou seja, até junho de 2004. Na oportunidade a média de preços FOB portos argentinos ficou em US\$ 9,56/saco. Assim, os preços no Brasil respondem à elevação dos preços na importação, particularmente do produto oriundo da Argentina, por significar o maior volume. Ao mesmo tempo, o clima positivo, associado a uma redução na oferta local, estimulam os produtores a semear o cereal. Isto recebe igualmente um certo apoio do Estado, através de financiamentos a juros menores do que os praticados no mercado. Um terceiro aspecto que irá influenciar tal decisão é a retomada da produção de soja, estimulada por menores custos graças a transgenia, associada a um período de preços elevados para a oleaginosa em Chicago. Por um breve momento, o Sul do Brasil viu se fortalecer novamente o tradicional binômio trigo-soja, fato que comprometeu novamente os projetos de diversificação (leite, suínos, gado de corte, frutas e legumes) existentes.

Neste contexto, os preços do trigo no Rio Grande do Sul, que chegaram a US\$ 9,94/saco ao produtor, na média de 1996, após US\$ 8,43 um ano antes, recuam pa-

ra US\$ 6,29 em 1999. Posteriormente, ocorre uma paulatina recuperação (com exceção do ano de 2001), com os mesmos fechando a média de 2003 em US\$ 8,58/saco, isto é, o melhor ano em termos de preço médio desde 1996<sup>4</sup>.

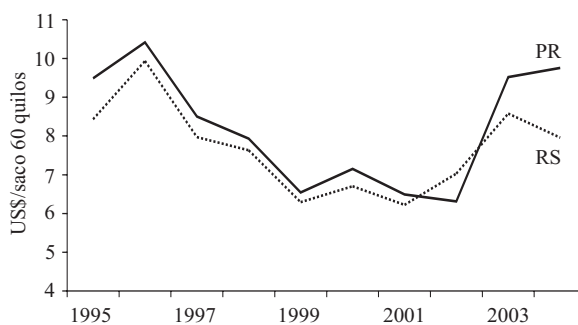
Por sua vez, os preços do trigo no Paraná, seguem a mesma lógica, porém, com valores mais elevados. Isto se dá pelo fato do produto paranaense normalmente acusar uma qualidade superior, além de entrar no mercado mais cedo (setembro). De fato, entre 1995 e 2004, em apenas um ano (2002), o preço ao produtor gaúcho foi superior em 10% ao preço pago ao produtor paranaense. Nos demais anos, os preços do trigo no Paraná foram mais elevados, variando entre 4% e 12%, sendo que em 2004 (primeiros nove meses do ano) o preço médio no Paraná superou o gaúcho em 23%.

**Gráfico 4.-** Preços médios do trigo na Argentina



FONTES: SAGPyA, Dirección de Mercados Agrícolas y Agroindustriales, 2004.

**Gráfico 5.-** Preços médios do trigo no Paraná e Rio Grande do Sul



FONTES: SEAB, DERAL, Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), Fundação Getúlio Vargas (FGV), Safras & Mercado, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), CEEMA, 2004.

<sup>4</sup> Em 2004, a média de preços voltou a recuar, tendo registrado, nos nove primeiros meses, o valor de US\$ 7,96/saco, com tendência de um recuo ainda mais expressivo nos quatro meses restantes (outubro a dezembro).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta parte do estudo que desenvolvemos nos trouxe uma série de conclusões, algumas confirmando um sentimento que se tinha sobre o mercado do trigo e outras ainda não exploradas.

A primeira evidência é de que efetivamente o comércio mundial do trigo tem na Argentina um produtor importante, embora suas exportações atuais, relativamente, não cheguem a representar um volume expressivo. No entanto, para o Brasil, o vizinho país se constituiu no maior fornecedor do cereal, particularmente a partir da liberalização do mercado nacional, em 1990, quando o governo federal deixou de comprar o produto. Esta posição se consolidou quando o Mercosul foi definido, em 1991. Paralelamente, o Brasil se constitui num importante comprador do trigo argentino, estabelecendo uma certa relação de dependência entre os dois países.

A participação da Argentina na oferta externa de trigo ao Brasil se dá especialmente pelos seus ganhos em competitividade. Ou seja, o cereal argentino é mais barato em sua produção. Além disso, com uma certa constância, tem apresentado muito boa qualidade. Isto significa dizer que a Argentina suporta preços mais baixos para o trigo no mercado internacional. Este fato, fragiliza o Brasil, pois seu custo de produção e produtividade, embora em ascensão, não consegue competir a partir de preços abaixo de US\$ 140,00 a US\$ 150,00/tonelada, salvo exceções. É o caso neste final de 2004, quando assistimos a protestos do produtor de trigo em função do baixo preço interno praticado (US\$ 115,00/tonelada), puxado para baixo pelo forte recuo nos preços do produto na Argentina. Estes, que chegaram a superar US\$ 170,00/tonelada FOB no primeiro semestre de 2004, recuaram para algo entre US\$ 120,00 e US\$ 130,00/tonelada FOB em outubro do mesmo ano.

Assim, confirma-se que existe uma correlação direta entre o aumento dos preços na Bolsa de Chicago e a melhoria dos preços internos aos produtores brasileiros, mesmo o cereal não sendo um produto de exportação por parte do Brasil<sup>5</sup>. Ou seja, o aumento das cotações do trigo em Chicago eleva os preços do trigo no interior da Argentina e nos seus portos. Esta elevação, dependendo do momento cambial brasileiro, torna cara as importações brasileiras. Quando as mesmas ultrapassam o limite dos US\$ 140,00/tonelada aproximadamente, o produtor brasileiro se vê estimulado a plantar mais do cereal (em não havendo interferência das políticas públicas em favor do cereal).

Por outro lado, interessante se faz destacar que o aumento na produção brasileira, a ponto de provocar redução nos volumes importados, provoca um recuo relativo mais expressivo nas compras oriundas da Argentina do que nos outros fornecedores tradicionais como os EUA e o Canadá.

---

<sup>5</sup> Esta característica de país essencialmente importador de trigo (um dos maiores do mundo) foi rompida em 2003/04 pelo Brasil, pela primeira vez após 200 anos, quando exportou mais de um milhão de toneladas do cereal. O mercado tende a forçar o Brasil, contraditoriamente, a ser exportador toda a vez que a produção interna for importante e os preços mundiais na importação forem baixos. Esta sistemática tende a parar a partir do momento em que os produtores reduzirem novamente sua produção, visando um equilíbrio entre os custos de produção e a receita recebida em função da produtividade e os preços oferecidos ao seu produto.

Enfim, a produção de trigo no país não se resolve somente pela capacitação em competitividade do setor produtivo. Ela deve ser inserida em um contexto macroeconômico, no qual há de se avaliar a conveniência ou não de proteger a sua produção. Ou seja, sem uma certa proteção à produção tritícola nacional, dificilmente a mesma se mantém de maneira a chegarmos a ofertar metade de nossas necessidades. Isto revela que, no atual quadro de mercado mundial e regional, o Brasil será sempre um importador líquido de trigo, com tendência a aumentar sua dependência na medida em que o consumo interno crescer, puxado pelo aumento da população e de seu poder aquisitivo.

## ANEXO

**Quadro 1.-** Custo total de produção de trigo (em US\$/saco de 60 quilos)

ANO	PARANÁ	RIO GRANDE DO SUL	ARGENTINA
1994	22,20	12,22	ND
1995	18,65	13,38	ND
1996	12,52	12,43	6,31
1997	13,67	11,51	ND
1998	15,72	9,01	ND
1999	9,37	6,75	ND
2000	10,44	7,65	ND
2001	9,19	5,87	ND
2002	9,66	6,01	ND
2003	12,14	8,55	7,82
2004	ND	ND	6,82

ND: Não disponível.

FONTES: SEAB, DERAL, SAGPyA, 2004.

**Quadro 2.-** Exportações e importações

ANO	ARGENTINA	BRASIL	BRASIL		
	Exportações	Importações	Importações	C em B	C em A
	Totais (A)	Totais (B)	Argentina (C)	%	%
1965	6.661	1.902	1.292	67,93	19,40
1966	5.055	2.467	1.060	42,97	20,97
1967	2.060	2.433	650	26,72	31,55
1968	2.423	2.417	1.064	44,02	43,91
1969	2.345	2.307	1.000	43,35	42,64
1970	2.302	1.680	762	45,36	33,10
1971	811	1.727	350	20,27	43,16
1972	1.640	2.749	1.200	43,65	73,17
1973	2.971	2.062	526	25,51	17,70
1974	1.726	2.165	80	3,70	4,63
1975	1.758	3.070	240	7,82	13,65
1976	3.155	3.163	1.055	33,35	33,44
1977	5.635	2608	355	13,61	6,30
1978	1.608	4334	441	10,18	27,43
1979	4.279	3651	1.972	54,01	46,09

**Quadro 2 (continuação).**-Exportações e importações

ANO	ARGENTINA	BRASIL	BRASIL		
	Exportações	Importações	Importações	C em B	C em A
	Totais (A)	Totais (B)	Argentina (C)	%	%
1980	4.495	4755	NH	NH	NH
1981	3.766	4360	285	6,54	7,57
1982	3.800	4224	NH	NH	NH
1983	10.182	4102	115	2,80	1,13
1984	7.245	4867	802	16,48	11,07
1985	9.583	4041	685	16,95	7,15
1986	4.021	2255	550	24,39	13,68
1987	4.192	2740	1.087	39,67	25,93
1988	3.643	953	953	100,00	26,16
1989	4.323	1491	1.159	77,73	26,81
1990	5.837	1930	1.813	93,94	31,06
1991	5.511	4478	2.657	59,33	48,21
1992	6.072	5839	3.171	54,31	52,22
1993	5.777	5373	3.676	68,42	63,63
1994	5.172	6267	3.592	57,32	69,45
1995	6.913	5536	3.741	67,58	54,12
1996	9.800	5564	3.764	67,65	38,41
1997	8.791	6307	3.700	58,66	42,09
1998	10.371	7124	5.843	82,02	56,34
1999	7.589	7703	6.569	85,28	86,56
2000	10.811	7618	7.208	94,62	66,67
2001	10.916	7024	6.789	96,65	62,19
2002	9.505	7220	5.423	75,11	57,05
2003	5.775	6200	5.531	89,21	95,77
2004*	8.000	5.500	4.791	87,11	59,89

\*Estimativa. NH: Não houve.

FONTES: Safras & Mercado, ABITRIGO, CONAB, FAO, SAGPyA, 2004.

**Quadro 3.-** Cotações médias de trigo na Bolsa de Chicago (em US\$/bushel)

	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAI.	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	MÉDIA
1985	3,47	3,51	3,51	3,56	3,32	3,23	3,08	2,84	2,85	3,08	3,31	3,43	3,27
1986	3,28	3,30	3,32	2,93	3,07	2,50	2,63	2,56	2,59	2,78	2,85	2,80	2,88
1987	2,81	2,81	2,90	2,82	2,97	2,65	2,58	2,68	2,85	3,00	2,98	3,09	2,85
1988	3,27	3,25	3,01	3,12	3,20	3,76	3,74	3,90	4,03	4,23	4,18	4,30	3,67
1989	4,42	4,28	4,29	4,07	4,15	3,95	3,92	3,87	3,91	4,05	4,05	4,10	4,09
1990	3,96	3,86	3,76	3,67	3,65	3,32	3,06	2,80	2,68	2,67	2,54	2,55	3,21
1991	2,54	2,54	2,75	2,82	2,85	2,86	2,73	2,97	3,24	3,51	3,53	3,91	3,02
1992	4,18	4,27	3,94	3,69	3,70	3,58	3,37	3,13	3,33	3,50	3,68	3,65	3,67
1993	3,76	3,68	3,69	3,52	3,36	2,83	3,03	3,08	2,95	3,26	3,45	3,68	3,36
1994	3,80	3,66	3,34	3,27	3,24	3,28	3,19	3,44	3,81	4,02	3,76	3,85	3,56
1995	3,80	3,66	3,51	3,51	3,66	3,98	4,46	4,18	4,70	4,92	4,93	5,08	4,20
1996	4,96	5,14	5,02	5,92	6,13	4,97	4,69	4,54	4,36	4,08	3,93	3,83	4,80
1997	3,81	3,64	3,81	4,06	3,55	3,47	3,30	3,37	3,64	3,48	3,46	3,36	3,58
1998	3,32	3,30	3,28	2,86	2,95	2,81	2,65	2,51	2,69	2,91	2,86	2,70	2,90
1999	2,76	2,58	2,68	2,61	2,70	2,57	2,43	2,70	2,72	2,59	2,47	2,36	2,60
2000	2,59	2,59	2,56	2,52	2,70	2,68	2,45	2,40	2,51	2,64	2,57	2,65	2,57
2001	2,82	2,64	2,68	2,65	2,62	2,57	2,74	2,70	2,70	2,80	2,83	2,82	2,71
2002	2,98	2,78	2,78	2,70	2,71	2,89	3,26	3,47	3,99	3,93	3,86	3,47	3,24
2003	3,19	3,25	2,99	2,86	3,10	3,15	3,25	3,62	3,51	3,48	3,84	3,85	3,34
2004	3,90	3,81	3,85	3,94	3,58	3,54	3,29	3,09	3,21				3,58*

\*Estimativa.

FONTE: CEEMA, con datos da CBOT, 2004.

**Quadro 4.-** Preços médios do trigo FOB nos portos argentinos (em US\$/saco de 60 quilos)

	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAI.	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	MÉDIA
1995	7,92	7,86	7,38	7,26	8,40	10,26	12,72	13,50	13,50	13,32	13,20	12,66	10,67
1996	13,20	14,64	14,76	16,02	17,10	15,78	14,52	12,42	10,62	10,14	9,90	8,16	13,11
1997	8,40	8,88	10,02	10,92	11,04	10,02	9,84	9,72	9,24	8,94	8,28	7,98	9,44
1998	7,50	7,44	7,32	7,38	7,56	7,14	6,96	6,48	6,60	7,86	7,56	6,90	7,23
1999	6,84	6,24	6,42	7,20	7,32	7,68	7,56	7,62	7,80	6,72	5,70	5,28	6,87
2000	6,00	6,12	6,36	6,72	7,50	7,74	7,08	7,68	7,26	7,86	6,72	6,90	7,06
2001	7,32	7,44	7,32	7,50	7,92	7,80	7,50	7,38	7,20	7,56	6,72	6,54	7,35
2002	6,78	6,96	6,84	7,44	8,16	9,18	10,14	10,86	11,76	11,04	8,04	7,80	8,75
2003	8,16	8,88	9,06	9,00	9,78	9,6	9,60	9,84	9,66	9,90	10,26	9,78	9,46
2004	9,72	9,06	9,30	9,78	9,66	9,12	8,59	7,81	7,75	7,86*			8,86*

\*Estimativa.

FONTES: SAGPyA, Dirección de Mercados Agrícolas y Agroindustriales, 2004.

**Quadro 5.-** Preços médios recebidos pelos produtores de trigo do Paraná (em US\$/saco de 60 quilos)

	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAI.	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	MÉDIA
1995	9,93	10,00	9,43	9,26	9,37	8,54	9,05	8,92	8,82	9,38	10,59	10,54	9,49
1996	10,47	11,01	11,56	12,12	13,87	14,38	ND	13,03	11,19	9,95	9,32	8,10	10,42
1997	7,48	8,01	8,52	9,05	9,55	9,66	8,88	8,27	8,23	8,18	8,13	8,08	8,50
1998	8,04	7,98	7,94	7,89	7,84	8,31	8,26	8,19	7,62	7,57	8,04	7,47	7,93
1999	6,04	5,30	5,99	7,07	7,49	7,14	7,00	6,69	6,63	6,09	6,22	6,82	6,54
2000	6,65	6,76	6,89	7,12	7,22	7,30	7,01	7,29	7,83	7,66	7,07	7,03	7,15
2001	5,87	5,87	5,87	6,13	6,13	6,38	6,89	7,15	7,15	6,64	6,89	6,89	6,49
2002	4,52	4,52	4,68	4,85	5,02	5,35	5,85	6,52	7,53	9,70	8,70	8,53	6,31
2003	9,75	9,94	10,14	9,55	9,16	9,16	10,37	9,27	9,36	9,22	9,12	9,23	9,52
2004	9,30	9,00	9,72	11,33	11,33	11,04	10,25	8,99	8,42	8,19*			9,76*

\*Estimativa.

FONTES: SEAB, DERAL, 2001 em ante IBRE, FGV e Safras & Mercado, 2004.

**Quadro 6.-** Preços médios do trigo no Rio Grande do Sul ao produtor (em US\$/saco de 60 quilos)

	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAI.	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	MÉDIA
1995	10,13	9,24	9,24	8,67	8,97	7,70	7,55	7,55	7,29	7,41	8,59	8,87	8,43
1996	9,41	9,29	9,80	10,79	13,00	14,34	SC	SC	SC	7,71	7,73	7,38	9,94
1997	7,33	7,11	7,46	8,21	9,61	9,36	8,48	8,04	7,73	7,44	7,25	7,63	7,97
1998	7,47	7,99	7,47	7,55	8,00	7,80	SC	SC	SC	7,27	7,43	7,69	7,63
1999	6,06	5,19	5,58	6,39	6,91	6,90	6,81	6,6	6,55	6,14	6,16	6,20	6,29
2000	6,31	6,47	6,61	6,58	6,28	6,99	7,24	7,32	7,29	7,07	6,30	5,95	6,70
2001	6,09	5,98	5,91	6,12	6,51	6,52	6,69	6,70	6,40	5,61	5,85	6,32	6,23
2002	6,29	6,27	6,63	6,50	6,67	6,64	6,71	6,71	6,94	8,12	8,88	7,96	7,03
2003	8,25	7,99	8,49	9,59	9,95	9,78	9,09	8,33	8,45	8,02	7,40	7,58	8,58
2004	7,73	7,55	7,59	7,98	8,43	8,60	8,42	7,62	8,30	7,37*			7,96*

\*Estimativa. SC: Sem Cotação.

FONTES: CEEMA, EMATER, *Gazeta Mercantil*, 2004.

## BIBLIOGRAFIA

BRUNS, C. (1999): *Cadeia produtiva do trigo. Diagnóstico e demandas atuais no Paraná*. Londrina, PR: Instituto Agrônômico do Paraná (IAPAR).

Brum, A.L.; Da Luz, C.; Da Silva, C.V.; Kettenhuber, P. *A competitividade do trigo brasileiro...*

CUNHA, G.R. (1999): *Trigo no Mercosul*. (Coletânea de artigos). Passo Fundo: Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia.

JACOBSEN, L.A. (2003): *Serie realidade rural*, vol. 32. Porto Alegre, RS: Emater.

MINETTO, T.J. (2003): *Federação das Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul. Custo de Produção. (FecoAgro)*. (Estudo n. 62). Porto Alegre, RS.

SAFRAS & MERCADO (2003-2004): *Soja e grãos*. (Publicação semanal sobre tendências de mercados).

## REVISTAS E PERIÓDICOS

*Agrianual. Anuário da Agricultura Brasileira*. FNP / Consultorias e AgroInformativos. 2004.

*Agroanalysis. Revista de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro. 2004.

*Conjuntura Econômica*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getulio Vargas. 2004.

*Gazeta Mercantil (SP)*.

*Zero Hora (RS)*.

## SITES DE PESQUISA

[www.brasil.org.ar](http://www.brasil.org.ar)

[www.embarg.org.br](http://www.embarg.org.br)

[www.ocepar.org.br](http://www.ocepar.org.br)

[www.embrapa.com.br](http://www.embrapa.com.br)

[www.conab.com.br](http://www.conab.com.br)

[www.emater.tche.br](http://www.emater.tche.br)

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

[www.abitrigo.com.br](http://www.abitrigo.com.br)

[www.sagpya.mecon.gov](http://www.sagpya.mecon.gov)

[www.alimentosargentinos.gov.ar](http://www.alimentosargentinos.gov.ar)

[www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br)

[www.google.com.br](http://www.google.com.br)

[www.fao.org](http://www.fao.org)

[www.inta.gov.ar](http://www.inta.gov.ar)

[www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br)

[www.bolsarosareo.com.ar](http://www.bolsarosareo.com.ar)

[www.bolcereales.com.ar](http://www.bolcereales.com.ar)

[www.aaprotrigo.org](http://www.aaprotrigo.org)

[www.ruralarg.org.ar](http://www.ruralarg.org.ar)

[www.fnp.com.br](http://www.fnp.com.br)

[www.pr.gov.br/iapar](http://www.pr.gov.br/iapar)

[www.safras.com.br](http://www.safras.com.br)

[www.fgv.br/conjuntura.htm](http://www.fgv.br/conjuntura.htm)

[www.usda.gov](http://www.usda.gov)